

Reagan admite culpa dos EUA no endividamento

Washington — “A enorme carga da dívida do Terceiro Mundo não é apenas problema desses países, é também nosso”, disse ontem o presidente Ronald Reagan ao prometer soluções conjuntas à assembléia anual do Fundo Monetário Internacional e ao Banco Mundial.

Reagan também afirmou que a saúde da economia mundial não repousa unicamente na política orçamentária dos Estados Unidos, e que ao reduzir seu déficit orçamentário e fiscal, outros países industrializados terão de preencher o vazio de demanda que surgir, especialmente para as nações em desenvolvimento.

Apresentado à assembléia pelo secretário do Tesouro, James Baker, Reagan afirmou que rejeitará o protecionismo e tratará de reduzir o déficit fiscal, uma das principais reivindicações das demais potências industriais.

Programa

Ao assumir a tese dos países em desenvolvimento, de que as potências industriais devem reconhecer sua co-responsabilidade no endividamento externo, Reagan disse: “Prometamos hoje que resolveremos juntos este problema”. Acrescentou que os EUA propuseram “um programa concreto, para que a dívida seja eliminada não mediante a retirada de riqueza dos países que já são demasiadamente pobres, mas incrementando o nível da atividade econômica e pagando a dívida com nova riqueza”.

Na semana passada, Baker anunciou o apoio dos EUA ao aumento de capital do Banco Mundial, disse Reagan, acrescentando que Washington também apoiará as propostas para reforçar a capacidade do FMI a fim de “realizar reformas orientadas para o crescimento”, o que significa uma modificação do papel tradicional do Fundo, de promover ajustes recessivos a curto prazo.

“Os Estados Unidos desejam”, disse Reagan, “que o comércio aberto e equitativo seja o motor do desenvolvimento”.

“Os princípios básicos de nossas relações com os países em desenvol-

vimento têm sido e continuarão a ser o comércio, mais do que a ajuda”, acrescentou.

Veto

E assumindo as preocupações dos países industrializados e em desenvolvimento quanto à tendência protecionista do Congresso, o presidente afirmou: “Eu lhes prometo que qualquer legislação protecionista que chegue à minha mesa será devolvida ao Congresso com veto”.

Depois de dizer que os Estados Unidos não retrocedem em suas responsabilidades, Reagan exortou os países com superávits comerciais a terem a coragem de fazer o mesmo, “estimulando suas economias sem reavivar a inflação”. E acrescentou:

“Mas com os Estados Unidos baixando seu déficit orçamentário e comercial, outros países devem assumir a falta de demanda, em particular com respeito às importações dos países em desenvolvimento. Não poderemos ter êxito senão num sistema comercial mundial aberto e equitativo”.

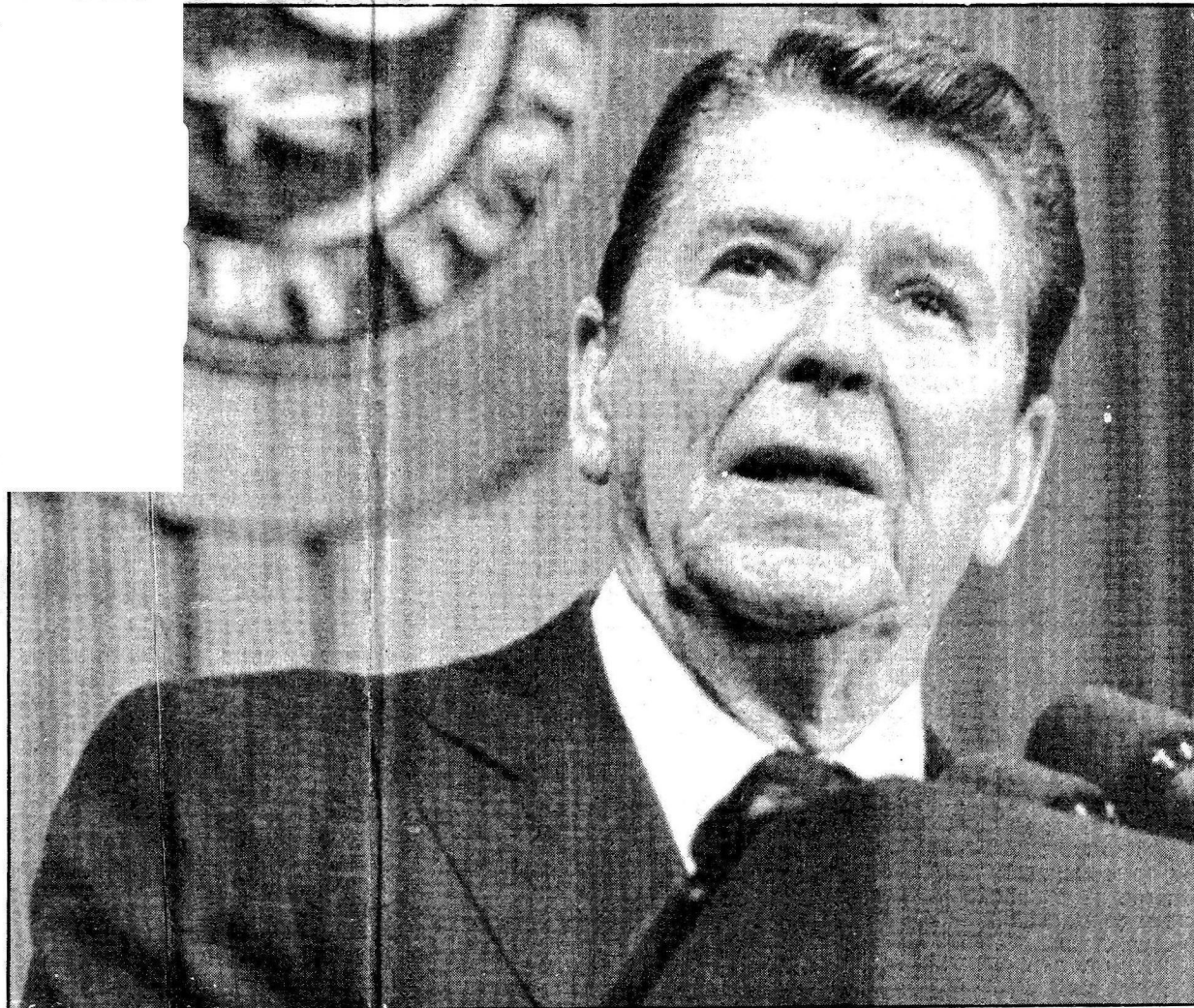
Em seguida, ele exortou os países em desenvolvimento a seguir o modelo dos países da Costa do Pacífico, e pôr em destaque o contraste entre sua nova riqueza “e a miséria e decadência que é evidente nas nações que seguiram modelos estatais de desenvolvimento”.

Libertização

Para estimular o livre comércio, Reagan indicou que os Estados Unidos estão comprometidos com a posição do Uruguai no Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), e que defenderá a liberalização do comércio agrícola.

“Os custos desnecessários, as distorções do mercado e as ineficiências da atual política agrícola são parte do panorama econômico do mundo ocidental”, afirmou ele, para concluir:

“Pedimos aos povos do mundo que pensem numa modificação revolucionária da produção e distribuição de alimentos e fibras, eliminando uma década de subsídios, quotas, barreiras não aduaneiras e outras distorções nos mercados agrícolas”.



Reagan disse na reunião do FMI que a dívida não é só um problema do Terceiro Mundo